

Marrocos e Saara Ocidental

01. Aspectos Geográficos

Reino do Marrocos fica no **noroeste da África** com área de **710.850 km²**, banhado pelo mar Mediterrâneo e pelo oceano Atlântico. É o único país do continente africano que não faz parte da União Africana, porque Saara Ocidental foi aceito como membro.

Com altitude média de 800 metros, o território compreende as principais cordilheiras e as maiores planícies do norte da África. Paralelamente ao Mediterrâneo ergue-se o conjunto de terras altas do Rif, cujas altitudes chegam próximo dos 2,5 mil metros. Entre o Rif e o Atlântico encontra-se a cordilheira do Atlas, que atravessa o país de nordeste a sudoeste. Ela se divide em três setores: o Médio Atlas, mais ao norte; o Grande Atlas (ou Alto Atlas), no centro; e o Anti-Atlas, mais ao sul. No Grande Atlas fica o ponto culminante do país, o monte Toubkal, que atinge 4.165 metros. No Anti-Atlas situa-se o maciço de Sarhrô, com cerca de 2,6 mil metros de altitude. A partir dali estendem-se vales e planícies que quase chegam ao **deserto do Saara**, no limite sudeste do país. Ao longo da costa atlântica há uma enorme planície. Entre o Atlas e o Rif encontra-se o corredor de Tãza.

O Marrocos dispõe de uma quantidade relativamente **grande de rios**, mas quase nenhum é navegável, devido ao baixo fluxo. Eles são aproveitados para a irrigação de lavouras e para a geração de eletricidade. Os principais são O **Moulouya**, que deságua no Mediterrâneo e o **Sebou**, que corre rumo ao Atlântico.

a) Vegetação e clima

Nas encostas das montanhas há grandes florestas de sobreiros, azinheiras, zimbros, pinheiros, cedros e abetos. As planícies não cultivadas são cobertas por vegetação rasteira. No sul encontram-se vastas áreas ocupadas pela argania, espécie de árvore espinhosa típica do país.

Quanto ao clima, na costa o ambiente é subtropical, temperado pela influência marítima. No interior, os verões são mais quentes e os invernos, mais frios. As menores temperaturas são registradas no alto das montanhas, onde costuma fazer menos de 0º C. Os picos mais elevados permanecem cobertos de neve o ano inteiro. As chuvas são abundantes no inverno, em particular na zona noroeste do país.

d) População

Os berberes foram os primeiros habitantes do Marrocos. No decorrer dos séculos, porém, os árabes se tornaram majoritários no país. Atualmente, a população marroquina é formada por 65% de árabes, 33% de berberes e 2% de outras etnias. A maior parte (59%) vive nas zonas urbanas. O **islamismo sunita** é a religião oficial do país, praticada por mais de **98,6%** dos **32,4 milhões de habitantes**. O idioma oficial é o árabe, mas falam-se também o berbere, o francês e o espanhol. Estas duas línguas européias são mais utilizadas no norte do país. Situada no estuário do Sou Regreg, **Rabat** é a capital e o segundo maior núcleo populacional do Marrocos, atrás apenas de **Casablanca**. Nos últimos anos, a cidade passou por significativo crescimento. O processo ocorreu de forma relativamente ordenada, preservando as áreas históricas e reservando espaços para parques e praças. O Marrocos é uma monarquia constitucional, com um parlamento eleito democraticamente mas em que o rei é igualmente o chefe do governo. A esperança média de vida é de **70,04 anos**. O valor do Índice do Desenvolvimento Humano (IDH) é de **0,606**.

02. Aspectos Econômicos

b) Agricultura

A economia do país baseia-se na agricultura, nos serviços, na indústria transformadora e na exploração mineira. Com o **PIB de US\$ 86,3 bilhões**, a agricultura é um dos pilares da economia marroquina, apesar de só 22% do território ser cultivado (8,5 milhões de hectares). É em geral, realizada em pequenas propriedades e com baixo grau de mecanização. Os principais itens produzidos são trigo, cevada, milho, batata, uva, cana-de-açúcar e beterraba açucareira. A pecuária conta com criações de gado ovino, caprino, bovino e equino, além de camelos e aves. As florestas fornecem cortiça e madeira. A pesca é importante, tanto no Mediterrâneo como no Atlântico: são capturados atum, cavala, sardinha, anchova e mariscos.

c) Indústria

A exploração mineira. Os fosfatos são a maior riqueza mineral do Marrocos, sua extração centra-se principalmente no Saara Ocidental. Ferro, carvão, manganês, chumbo e zinco também se destacam. As indústrias, geralmente de pequeno porte, atuam nos ramos químico, petroquímico, têxtil, alimentício, de material de construção e do calçado. O setor artesanal é muito importante, produzindo tecidos, tapetes, cerâmicas e artigos de pele e madeira. Cerca de 95% da eletricidade é gerada em termelétricas; o restante provém de hidrelétricas. O turismo também constitui uma importante fonte de receitas. Sua moeda é o **Dirham Marroquino**.

d) Aspectos Históricos

Marrocos, tal como grande parte do Norte de África, esteve sucessivamente sob o domínio dos fenícios, do império Romano e do Império Bizantino até à chegada dos árabes, que trouxeram o Islã e fundaram o reino de Nekor, nas montanhas do Rif, no século VII.

Os berberes, no entanto, assumiram o controle no século XI e governaram, não só Marrocos (agregando-lhe reinos vizinhos), mas também a parte sul da península ibérica, até ao fim do século XII.

Em 1415, Portugal virou os olhos para África e começa com a conquista de Ceuta e, no século seguinte, a maior parte do litoral marroquino estava nas mãos de portugueses e espanhóis. Ceuta continua sob soberania espanhola até hoje.

Em 1904, na Conferência de Algeciras, a Inglaterra concedeu à França o domínio de Marrocos, cujo sultão tinha contraído uma grande dívida com aquele país da Europa (em troca, a França concordou que o Reino Unido governasse o Egito). Em 1859, a Espanha anexou Marrocos, anexação essa que terminaria quando o sultão marroquino Moulay Abd al-Hafid aceitou em 1912, o estatuto de protetorado francês.

A seguir à Segunda Guerra Mundial, de acordo com a "Carta do Atlântico" (assinada em 1941 Winston Churchill e Franklin Delano Roosevelt, em 1941), as forças vivas de Marrocos exigiram o regresso do sultão Mohammed V e em 1955, a França, que já se encontrava a braços com insurreição na Argélia, concordou com a independência da sua colônia, que foi celebrada dia 2 de Março de 1956.

A mudança do controle francês sobre Marrocos para as mãos do sultão e do Partido Independentista Istiqlâl decorreu calmamente.

Em Agosto de 1957, Sidi Muhammad transformou Marrocos em um reino, passando a usar o título de rei. Quando, em 1959, o Istiqlâl se dividiu em dois grupos (um, abrangendo a maioria dos elementos do Istiqlâl, conservador e obediente a Muhammad 'Allâl al-Fâsi, apoiante de Sidi; outro, de carácter republicano e socialista, que adotou o nome de (União Nacional das Forças Populares), Sidi Muhammad aproveitou a oportunidade para distanciar a figura do rei dos partidos, elevando-o a um papel arbitral.

Tal manobra política contribuiu decisivamente para o fortalecimento da monarquia, como se verificou no referendo de 1962, já com Mulay Hassan, filho de Sidi (falecido em 1961), como rei Hassan II, em que foi aprovada uma Constituição de teor monárquico.

Um ano após, foram realizadas eleições parlamentares que levaram a conjuntura política a um beco sem saída. Tal fato permitiu a concentração de poderes em Hassan II, como ficou demonstrado na Constituição de 1970, que não sobreviveu a uma tentativa de golpe de Estado, em 1971. Sucedeu-lhe uma outra Constituição em 1972, que só foi implementada efetivamente após outra tentativa de golpe de Estado em Agosto desse ano.

O ano de 1974 marcou o início de uma nova orientação da política de Hassan II, a partir do momento em que Marrocos declarou a sua pretensão sobre o Saara Espanhol, rico em minérios (sobretudo fosfato), pretensão essa que foi concretizada em Novembro de 1975, com o avanço da "Marcha Verde", constituída por 350 000 voluntários desarmados, sobre o protectorado da Espanha, que evitou o conflito e conduziu à assinatura de um acordo em que eram satisfeitas as ambições de Marrocos.

No entanto, muitos têm sido os obstáculos à política marroquina: primeiro, a luta da guerrilha Polisário (Frente Popular para a Libertação de Saguia e do Rio do Ouro), apoiada, quer pela Argélia, quer, mais tarde, pela Líbia, e que recusou, inclusive, os resultados de um referendo promovido por Hassan II em 1981; segundo, a condenação por parte das ONU; e, terceiro, a criação do Saara Ocidental em 1989, que tem obtido o reconhecimento de um número crescente de países.

Em 1994, o secretário-geral das Nações Unidas, Boutros-Ghali, propôs um aprofundamento das negociações com o objetivo de promover um processo de recenseamento eleitoral o mais completo possível, de modo a um futuro referendo ter uma legitimidade aceitável por ambas as partes.

Por último, é de salientar o papel que Marrocos tem desempenhado no importante processo de paz na Palestina, através de um relacionamento equilibrado entre Hassan II e as partes beligerantes, a Organização de Libertação da Palestina (OLP) e Israel, que permitiu, nomeadamente, o estabelecimento de interesses económicos naqueles países.

O ano de 1999 é marcado pela morte do rei Hassan II de infarto, aos 70 anos. O sucessor é seu filho Sidi Muhammad, que adota o nome de Murramad VI.

Em 2004, entra em vigor um acordo de livre-comércio entre os EUA e Marrocos. No mesmo ano, o Legislativo aprova reforma da lei familiar (mudawana) que amplia os direitos das mulheres.

Nas eleições legislativas de 2007, o partido Istiqlal e o Partido da Justiça e do Desenvolvimento (PJD) são os mais votados. Abbas elFassi, do Istiqlal, é nomeado primeiro-ministro.

Primavera Árabe:

As revoluções na Tunísia e no Egito, no início de 2011, repercutem no Marrocos. Em 20 de fevereiro, Rabat e outras cidades são palco de manifestações pedindo a democratização do regime e melhores condições de vida. Apesar dos esforços do rei no combate à pobreza - a percentagem da população com menos de 2 dólares por dia cai de 24,3% em 2001 para 14% em 2007 -, o Marrocos convive com altas taxas de desemprego entre os jovens, a disparidade entre ricos e pobres, baixos salários, corrupção generalizada e um precário sistema de educação e saúde.

Muhammad VI ordena que as forças de segurança evitem o confronto com a população, aumenta os salários e subsídios para alimentos básicos e combustíveis. Também nomeia uma comissão, em março, para propor emendas à Constituição que fortaleçam as instituições democráticas. A nova Carta é aprovada em referendo, em julho, com 98% dos votos. Garante a liberdade de expressão, reconhece a igualdade de direitos entre homens e mulheres e torna o berbere língua oficial, ao lado do árabe. No âmbito político, o texto estabelece um Judiciário independente e amplia a autoridade do primeiro-ministro. O premiê agora deve pertencer ao partido com maior votação na Casa dos Representantes e passa a nomear e demitir o Conselho de ministros e também a dissolver o Parlamento.

A reforma constitucional é boicotada por uma agremiação civil surgida durante os protestos, chamada "20 de Fevereiro", coalizão que reúne a esquerda, os liberais e os islamistas. A coalizão afirma que a reforma é superficial. Isso porque o rei continua controlando - direta ou indiretamente - o Legislativo, o Executivo e o Judiciário na condição de "árbitro supremo" da vida institucional do país. É ele quem nomeia o primeiro-ministro e dá a palavra final sobre as grandes decisões do governo. Muhammad VI também permanece no comando da segurança - interna e externa - e dos assuntos religiosos. O movimento "20 de Fevereiro" continua realizando protestos regulares nos fins de semana, pedindo a instituição de uma monarquia constitucional nos moldes do espanhol ou britânico, na qual o monarca tem apenas poder simbólico e diplomático. Ainda assim, o Marrocos projeta-se no mundo árabe como um modelo de transição possível e pacífico para um regime mais democrático, em contraste com outras nações da região, mergulhadas na violência.

Cálculos

Saara Ocidental

O **Saara Ocidental** é um território independente, ocupado pelo Marrocos, situado na África Setentrional, limitado a norte por Marrocos, a leste pela Argélia, a leste e sul pela Mauritânia e a oeste pelo Oceano Atlântico, por onde faz fronteira com a região autónoma espanhola das Canárias. Capital: El Aaiún. O Sahara Ocidental está na Lista das Nações Unidas de territórios não-autónomos desde a década de 1960. O controlo do território é disputado pelo Reino de Marrocos e pelo movimento independentista **Frente Polisário**.

Em 27 de Fevereiro de 1976, este movimento proclamou a **República Árabe Saaráui Democrática**, um governo no exílio. A RASD é reconhecida internacionalmente por 45 estados e mantém embaixadas em 13 deles, sendo membro da União Africana desde 1984, carecendo no entanto de representação na ONU. O primeiro estado que reconheceu a RASD foi Madagáscar em 28 de Fevereiro de 1976.

01. Geografia

Também denominada República Árabe Saaráui Democrática (RASD), é uma região árida e quase desértica, situada junto à costa noroeste de África, constituída por desertos pedregosos em certas áreas e arenosos em outras. Integra o Deserto do Saara. Há oásis dispersos e pequenas manchas de pastagem pobre. Possui uma das maiores reservas pesqueiras do mundo.

Possui as maiores jazidas de fosfatos do mundo, além de jazidas de cobre, urânio e ferro. O Saara Ocidental tem área de **286.000 km²** e a principal cidade é El Aaiún, sua capital.

02. Economia

Com o baixo **PIB de U\$ 900 milhões**, a economia do Saara Ocidental é baseada principalmente na pesca, plantações de phoenix e na extração e exportação de recursos naturais como o fosfato. O país possui pouca terra fértil, e praticamente toda a sua alimentação provém de produtos importados.

03. População

A maioria dos **405,210** saarauís (2009) - incluindo os refugiados na Argélia constitui mistura de árabes e berberes, quase todos muçulmanos. Falam árabe, berbere e castelhano. Praticam a geomancia e veneram um grande número de forças sobrenaturais. A sociedade do Saara é essencialmente igualitária, não conhece outra autoridade para além da do chefe de família. As funções deste são principalmente sócio-religiosas. Não existe portanto uma estrutura de Estado. Sua moeda é o **Dírrã Marroquino**, a religião beira os 100% de muçulmanos, detêm uma alta taxa de 55% de analfabetos.

04. História

Quando, em 1975, a Espanha abandonou a sua antiga colônia, deixou para trás um país sem quaisquer infra-estruturas, com uma população completamente analfabeta e desprovida de tudo. O vazio criado pela Espanha foi aproveitado pela Mauritânia (que assenhora-se de 1/3 do território) e por Marrocos (que fica com o restante) que, invocando direitos históricos, invadiram o território.

O governo no exílio do Saara Ocidental tem o nome de República Árabe Saariana Democrática. Foi proclamado pela Frente Polisário em 27 de Fevereiro de 1976. O primeiro governo da RASD formou-se em 4 de Março desse ano.

Os saarauís haviam fundado a Frente Polisário, que iria expulsar do sul o pequeno exército da Mauritânia, forçando o país a abdicar seus direitos sobre o território em 1979. Frente a frente ficariam, nas areias do deserto, os guerrilheiros da Frente Polisário e as forças marroquinas de Hassan II. O exército marroquino retirou-se para uma zona restrita do deserto, mais próxima da sua fronteira e constituindo o chamado "triângulo de segurança", que compreende as duas únicas cidades costeiras e a zona dos fosfatos. Aí a engenharia militar construiu um imenso muro de concreto armado, por trás do qual os soldados marroquinos vivem entrincheirados, protegendo a extração do minério.

Desde então, a guerra, vista do lado da Frente Polisário, resume-se a uma série de ataques esporádicos à zona dos fosfatos tentando interromper o seu escoamento.

Em 1987, uma missão da ONU visitou a região para averiguar a possibilidade da realização de um referendo sobre o futuro do território. Uma iniciativa difícil, dado que grande parte da população é nómada. Até 1993 foi impossível realizar o referendo.

Em 2001, a África do Sul torna-se o sexagésimo país a reconhecer a independência do Saara Ocidental. O Marrocos protesta.

Marrocos e a Frente Polisário reiniciaram conversações em Agosto de 2007 na cidade nova-iorquina de Manhasset, com o patrocínio da ONU, para debater o estatuto do território.

Colonizada pela Espanha de 1884 a 1975, como *Saara Espanhola*, o território foi listado nas Nações Unidas como um processo de descolonização incompleto desde a década de 60, tornando-o no último grande território a continuar a ser uma colônia eficazmente. O conflito é em grande parte entre o Reino de Marrocos e da Argélia - organização nacionalista apoiada pela Frente Polisário (Frente Popular para a Libertação de Saguia el-Hamra e Rio de Oro), que em Fevereiro de 1976 foi formalmente proclamada a República Democrática Árabe (Sadr), agora basicamente administrada por um governo no exílio em Tindouf, na Argélia.

Na sequência de acordos de Madrid, o território era dividido entre Marrocos e Mauritânia, em Novembro de 1975, com Marrocos a ficar com dois terços do norte. Mauritânia, sob pressão dos

guerrilheiros do Polisário, abandonou todas as reivindicações para a sua porção em Agosto de 1979, com Marrocos a possuir a maioria do território. Uma porção é administrado pela Sadr. A República Democrática Árabe sentou-se como membro da Organização da Unidade Africana em 1984, e foi membro fundador da União Africana. As actividades da Guerrilha continuaram até as Nações Unidas imporarem um cessar-fogo, implementado a 6 de Setembro de 1991, através da missão MINURSO. A missão de patrulhas actuou na linha de separação entre os dois territórios.

Em 2003, o enviado especial da ONU para o território, James Baker, apresentou o Plano Baker, conhecido como Baker II, que teria dado o Saara Ocidental, imediata autonomia à Autoridade Sara Ocidental durante um período transitório de cinco anos para se preparar para um referendo, oferecendo aos habitantes do território a possibilidade de escolher entre a independência, a autonomia no seio do Reino de Marrocos, ou a completa integração com Marrocos. Polisário aceitou o plano, mas Marrocos rejeitou-a. Anteriormente, em 2001, Baker tinha apresentado o seu quadro de pessoal, chamado Baker I, onde a disputa seria finalmente resolvida através de uma autonomia dentro da soberania marroquina, mas a Argélia e a Frente Polisário recusaram. A Argélia tinha proposto a divisão do território de vez.

Compilação feita a partir de:

- **Almanaque Abril 2012**, 38ª ed. São Paulo: Ed. Abril, 2012.
- Arruda, J. e Piletti, N. **Toda a História**, 4ª ed. São Paulo: Ática, 1996.
- **Atlas National Geographic: Ásia**. São Paulo: Ed. Abril, 2008.
- <http://www.wikipedia.org>
- <http://www.indexmundi.com>
- <http://www.eoearth.org>